

Grafias Contra-Coloniais: re-desenhando subjetividades

ANA CLARA SOUSA DAMÁSIO DOS SANTOS 

Universidade de Brasília | Brasília, DF, Brasil

anaclarasousadamasio@gmail.com

DOI 10.11606/issn.2316-9133.v31i11pe179116

Ao fazer pesquisa de cunho etnográfico em Canto do Buriti-PI por três meses com-entre minhas parentes¹, fui mobilizada não apenas em relação ao que aconteceu antes ou durante o campo, mas também posteriormente ao mesmo. Como constatei, o campo entre parentes não se encerrava no tempo arbitrário do “lá” ou “aqui” (Geertz, 2009), ele era um-campo-para-toda-vida, pois eu não apenas fazia-antropologia ou etnografia, também fazia-família (Damásio, 2020a). Lidando com as trocas cotidianas que envolviam as relações com-entre parentes eu também buscava analisar o curso de vida, as relações de gênero e poder que entremeavam as relações interpessoais das minhas parentes. Com isso, era preciso encontrar maneiras de contar para além das palavras ou fotografias que emergiram com a pesquisa (Damásio, 2020b), já que muitas das minhas parentes não eram letradas. Nesse sentido, algumas considerações se fazem necessárias antes da leitora adentrar o ensaio-desenhado.

Em seu ensaio intitulado “Etnografia, ou a teoria vivida”, Peirano (2008) investe considerável tempo e espaço apontando como as antropólogas devem estar atentas a como a linguagem executa, faz e cria coisas no mundo, e seu investimento não é por acaso. Se a linguagem faz mundo, a mesma não pode, sob nenhuma hipótese, ser naturalizada ou ignorada dentro dos processos que envolvem o fazer etnográfico. Nesse sentido, a etnografia, ou “a boa etnografia de inspiração antropológica, não é apenas uma metodologia e/ou uma prática de pesquisa, mas a própria teoria vivida” (Ibidem: 3). Ela formula um diálogo íntimo e contínuo entre “teoria e etnografia” e assim “cria as condições indispensáveis para a renovação e sofisticação da disciplina” (Ibidem: 3).

Da mesma forma que Peirano (1992) já nos alertava sobre a necessidade de pensar “antropologias no plural”, Martín e Madroñal (2016) trazem outros aspectos que resvalam nas discussões realizadas acima. Não é necessário que nos reconciliemos com nosso passado colonial, é preciso que encaremos ele de frente e as consequências que o fundamento da nossa disciplina teve sobre a nossa forma de pensar e produzir conhecimentos etnograficamente

¹ Parente”, nesse contexto, é a nomenclatura dada às pessoas que descendiam de um mesmo antepassado em comum (Augé, 1978).



“legítimos”. E o que é legítimo como grafia antropológica? Martín e Madroñal trazem a contribuição, somada com a de outros teóricos, para pensar uma “Antropologia de Orientação Pública” com uma necessidade indelével de fazer rever pressupostos, principalmente entre nossas metodologias de campo, propondo assim uma descolonização das metodologias etnográficas e da produção etnográfica.

Como Soraya Fleischer e Fabiene Gama colocaram, “se não há métodos pré-definidos na Antropologia” e se eles dependem circunstancialmente e hermeneuticamente dos desdobramentos do campo, “é importante construirmos um repertório de experiências” (Fleischer; Gama, 2016: 125) e essas experiências são feitas em diálogo com nossas interlocutoras, colegas, autoras, professoras, disciplinas e parentes. Esses repertórios de experiências que nos iluminam são construídos e constituídos coletivamente. O fazer antropológico é assim, um processo extremamente artesanal e porque não, dispendioso, já que ele extrapola o espaço de sala de aula e ocupa nossas vidas nos diferentes espaços que percorremos diariamente, adentrando também as nossas casas, famílias e subjetividades.

Assim, o movimento de descolonização metodológica parte de uma compreensão de que temos que, no primeiro momento, assumir o caráter historicamente colonial de muitos dos nossos métodos de pesquisa. Mas não podemos parar por aí. Esse movimento deve se estender para as formas como desenhamos nossas pesquisas e para como as publicamos – e isso implica em como imaginamos nossos campos. Com isso, indico que há uma potência no desenho, uma potência que extrapola o que é o tempo-espaço das fotografias e que mobiliza grafias para além da palavra. O “público” aqui almejado surge com uma constante preocupação não só com as ideias de “devolução” e “compartilhamento” dos dados etnográficos, mas também com a divulgação dos materiais de pesquisa para públicos outros. Essas ideias (“devolução” e “compartilhamento”), mesmo sendo antigas dentro da antropologia (Fleischer, 2015: 2651), ainda são pouco valorizadas e pouco praticadas, surgindo mais como crítica aos moldes colonialistas e objetificadores do início da disciplina e menos como metodologias.

Aqui trago Antônio Bispo do Rosário (2015) para a discussão, juntamente com seus conceitos de “colonização” e “contra-colonização”, conceitos que podem ser lidos como “processos de enfrentamento entre povos, raças e etnias em confronto direto no mesmo espaço físico geográfico” (Bispo, 2015: 20). Consideremos então o papel como um espaço território em disputa, composto por palavras, fotografias, desenhos, colagens. O papel é o território academicamente ocupado por palavras e, por vezes, elas não comunicam de forma adequada. Ainda mais quando pesquisamos com pessoas que não foram alfabetizadas. As vezes as palavras escritas não são capazes de expressar nem mesmo as experiências que vivemos em campo.

E é aí que o desenho pode entrar também como uma alavanca, como uma possibilidade de comunicação a partir do repertório imaginativo de cada pesquisadora. O desenho, ou desenhar dentro-com a antropologia, com a etnografia, como modo de divulgação das nossas pesquisas, também pode ser um exercício metodológico e, assim, pode se juntar a “processos de resistência e de luta em defesa dos territórios dos povos contra colonizadores, [d]os símbolos, [d]as significações e [d]os modos de vida praticados nesses

territórios”. (Ibidem: 8). Não quero com isso colocar que estamos em luta com as palavras, as fotografias e as diversas grafias possíveis, mas trazer para o debate a seguinte questão: por que algumas grafias são alçadas ao status de “antropológicas” e outras delegadas a marginalidade (que é construída historicamente e com interesses específicos)?

Aina Azevedo nos provoca a pensar, “Por que os antropólogos desenhavam e por que pararam de fazê-lo?” (Azevedo, 2016: 16). E as respostas não são completas ou encerradas. Uma das ponderações é justamente a de que historicamente o desenho, apesar de compor parte do repertório metodológico dos antropólogos na virada do século XX, não foi um método institucionalizado, como foi, por exemplo, a fotografia. Por conseguinte, Karina Kuschnir (2014: 24) também inicia um texto com uma pergunta: “Será que desenhar pode contribuir para a produção de conhecimento antropológico?”. E sua resposta final é extremamente contundente, sobretudo quanto aponta que “aprender a desenhar pode contribuir positivamente para o ensino da antropologia e também para a produção de conhecimento etnográfico” (Ibidem: 43).

Desenhar é também um caminho para re-desenhar nossa subjetividade em meio aos desencontros causados pelo colonialismo. Como Bispo considera, o acesso à linguagem escrita “sempre foi negado as comunidades contra colonizadoras”. Sendo assim, como aponto aqui neste ensaio desenhado, é papel da antropologia e dos antropólogos não só fornecer outras estratégias para garantir o acesso comunitário (de forma geral) às pesquisas, mas também pensar como o desenho pode operar como um caminho de reconstrução de novos mundos antropológicos. Nesse sentido, esse ensaio desenhado é um convite para ver, imaginar e conversar com desenhos que não surgiram antes ou durante o campo realizado em 2019, mas que foram desenhados apenas em 2020, enquanto eu escrevia a dissertação. Foi justamente a partir dos muito imbrólios que surgiram em relação a minha própria pesquisa que precisei encontrar uma nova grafia para re-imaginar espaços. Era necessário dar vazão às surpresas, aos afetos e às vulnerabilidades que se desdobraram do fazer pesquisa entre parentes. Desenhar acabou fazendo com que eu tivesse que re-desenhar minha própria subjetividade em meio aos mundos pesquisados-desenhados entre parentes.

Assim, os estranhamentos éticos, metodológicos, teóricos e morais que emergiram durante e após o campo vieram para os desenhos. O presente ensaio pretende apresentar as implicações de fazer pesquisa com parentes que “ajudam”, em campo, uma pesquisa a ocorrer (Damásio, 2020a) e considerar que as pessoas de dentro de casa também poderiam ser interlocutoras, ou melhor, parentes-interlocutoras. Pois foi virando a pessoa que teria que tomar de conta da minha avó Anita, *uma véia que caiu pra idade*, que discussões acerca de uma família origem-mundo e de posicionalidade ganharam força. O foco neste ensaio recai em desenhar como, através de uma pesquisa entre parentes-interlocutoras, foi possível compreender as classificações associadas ao curso de vida, ao “envelhecimento”, aos fluxos migratórios e às categorias de periodização da vida.

Referências Bibliográficas

- AUGÉ, Marc. 1978. *Os Domínios do Parentesco: filiação, aliança matrimonial, residência*. Tradução de Ana Maria Bessa Lisboa: Edições 70.
- AZEVEDO, Aina. 2016. Desenho e antropologia: recuperação histórica e momento atual. *Cadernos de Arte e Antropologia*. Vol. 5: 15-32.
- BISPO, Antônio. 2015. *Colonização, Quilombos, Modos e Significações*. Brasília: INCTI/UnB.
- DAMÁSIO, Ana Clara. 2020a. *Fazer-Família e Fazer-Antropologia: Uma etnografia sobre 'cair pra idade', 'tomar de conta' e posicionalidades em Canto do Buriti-PI*. Goiânia, Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Goiás.
- DAMÁSIO, Ana Clara. 2020b. Entre parentes e lembranças. *Equatorial – Revista do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social*, v. 7, n. 13: 1-11. DOI 10.21680/2446-5674.2020v7n13ID20961
- FLEISCHER, Soraya. 2015. Autoria, subjetividade e poder: devolução de dados em um centro de saúde na Guariroba (Ceilândia/DF). *Ciência & Saúde Coletiva*. vol.20, n. 9: 2649-2658.
- GAMA, Fabiene, FLEISCHER, Soraya. 2016. Na cozinha da pesquisa: relato de experiência na disciplina “Métodos e Técnicas em Antropologia Social”. *Cadernos de Arte e Antropologia*. v. 5, n.2.
- GEERTZ, Clifford. 2009. “Estar lá, A antropologia e o cenário da escrita”. In: *Obras e Vidas. O antropólogo como autor*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Editora UFRJ.
- KUSCHNIR, Karina. 2014. Ensinando antropólogos a desenhar: uma experiência didática e de pesquisa. *Cadernos de Arte e Antropologia*, v.3, n.2, pp. 23-46.
- MARTÍN, Juan Carlos; MADROÑAL, Angeles Castaño. 2016. Antropologia comprometida, antropologia de orientação pública e descolonialidade: desafios etnográficos e descolonização das metodologias. *OPIS (On-line)*, v. 16, jul./dez, n. 2, p. 262-279.
- PEIRANO, Mariza. 2008. Etnografia, ou a teoria vivida. *Ponto Urbe*, v.2. DOI: <https://doi.org/10.4000/pontourbe.1890>
- PEIRANO, Mariza. 1992. *Uma antropologia no plural: três experiências contemporâneas*. Brasília: Ed. UnB.

sobre a autora

Ana Clara Sousa Damásio dos Santos

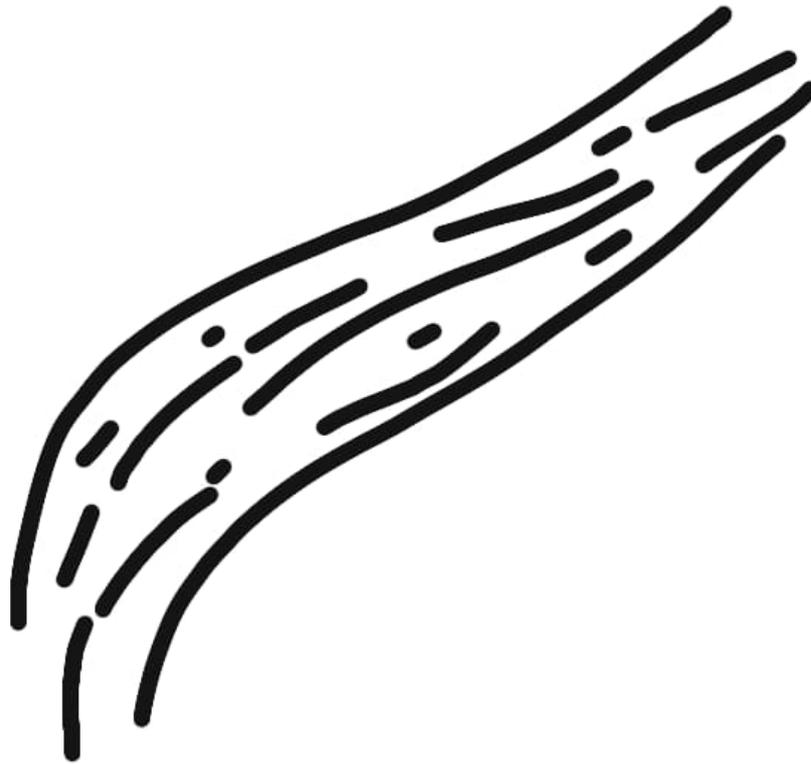
Doutoranda em Antropologia pela Universidade de Brasília e mestra em Antropologia Social pela Universidade Federal de Goiás.

Autoria: O ensaio apresentado e o texto de acompanhamento foram idealizados e escritos pela autora.

Financiamento: Não houve financiamento.

Recebido em 07/12/2020.

Aprovado para publicação em 01/06/2022.



© DAMÁSIO, 2022.

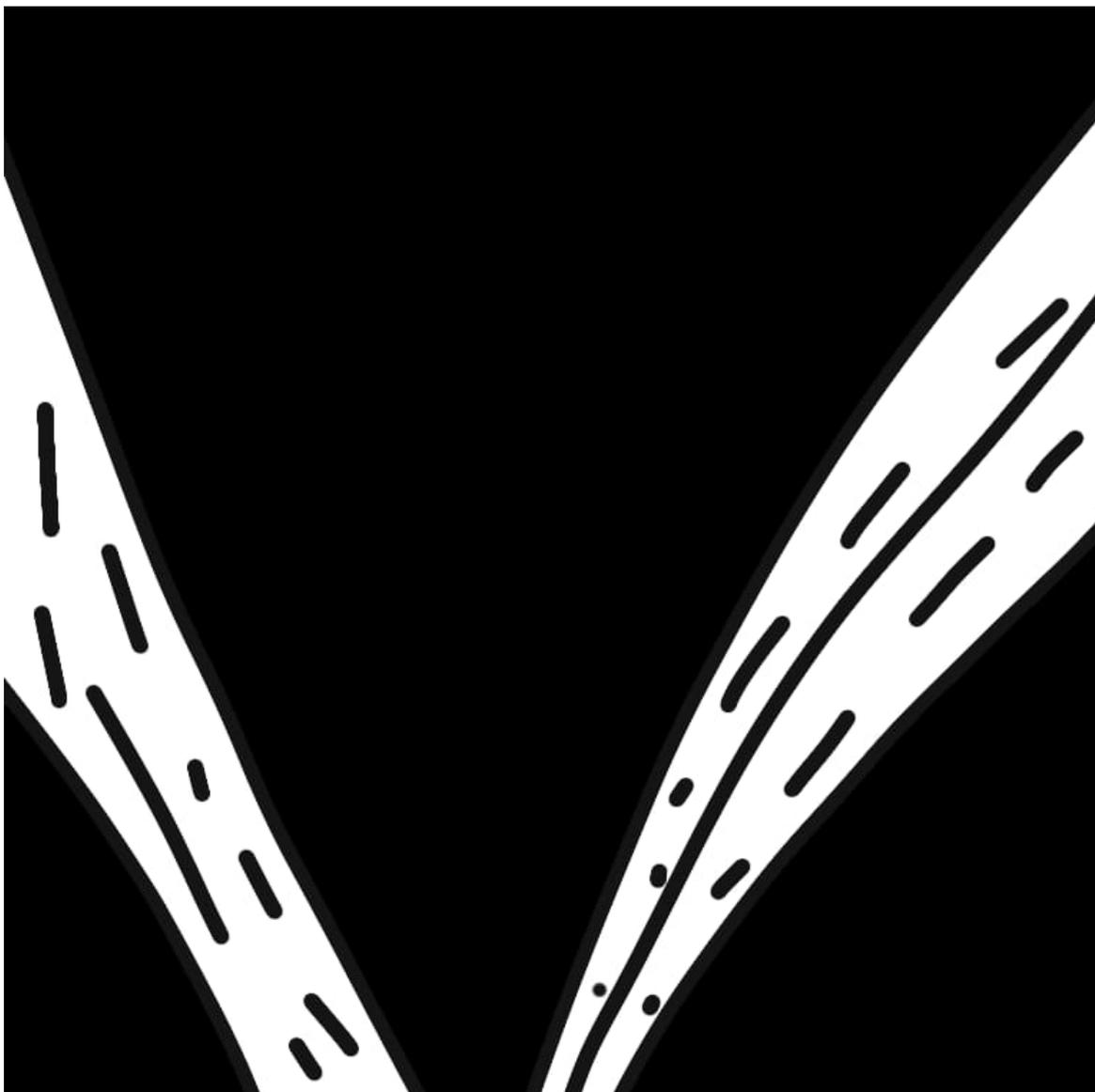
Desenho 1. O sangue, as parentes e o fluxo entre "origem" e "mundo" (2020).

© DAMÁSIO, 2022.



Desenho 2. Ouvindo, "ajudando" e "tomando de conta" (2020).

© DAMÁSIO, 2022.



Desenho 3. Ouvindo, "ajudando" e "tomando de conta" (2020).

© DAMÁSIO, 2022.

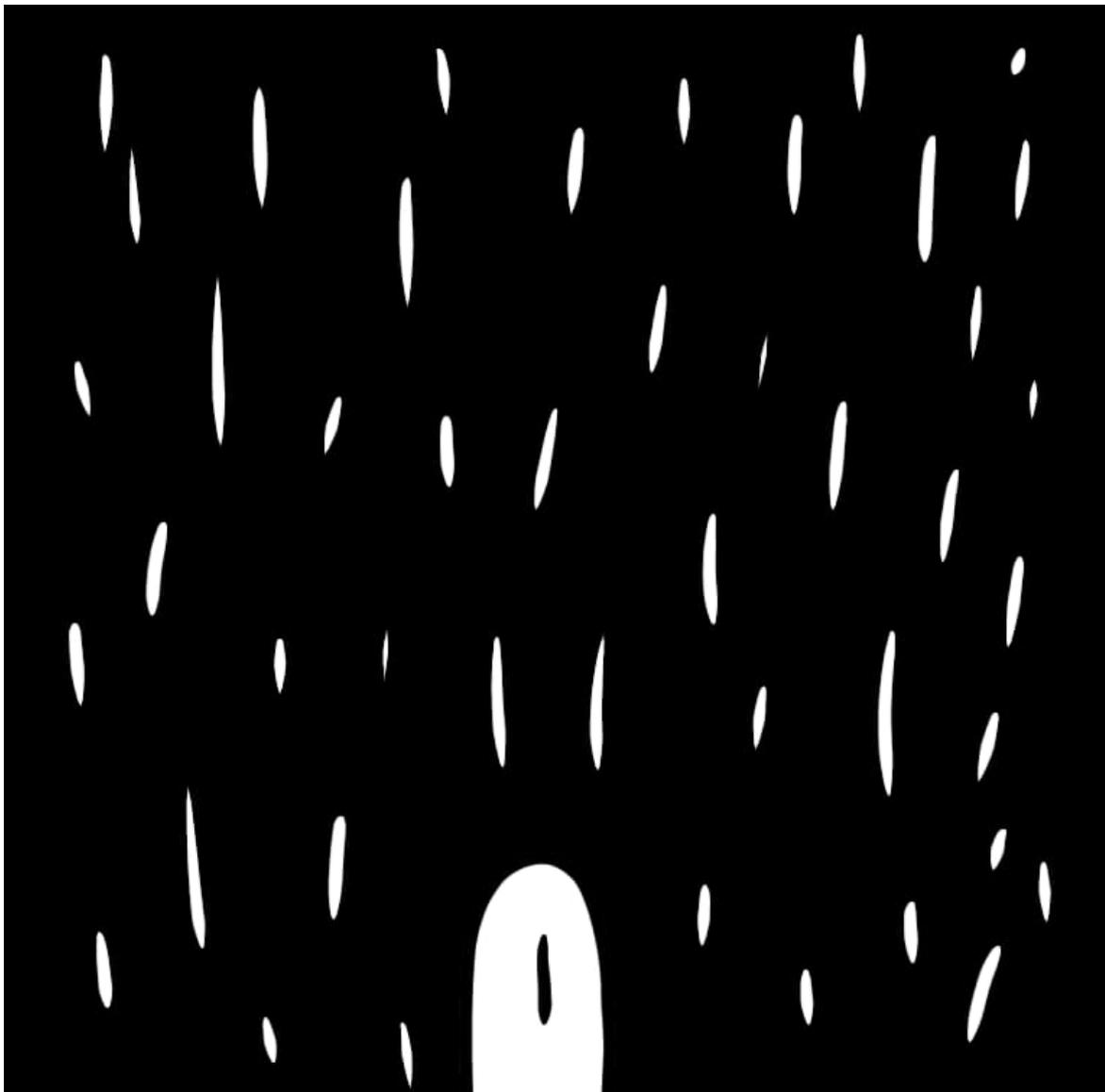


Desenho 4. Tia Itamar indo para o "mundo" (2020).

© DAMÁSIO, 2022.

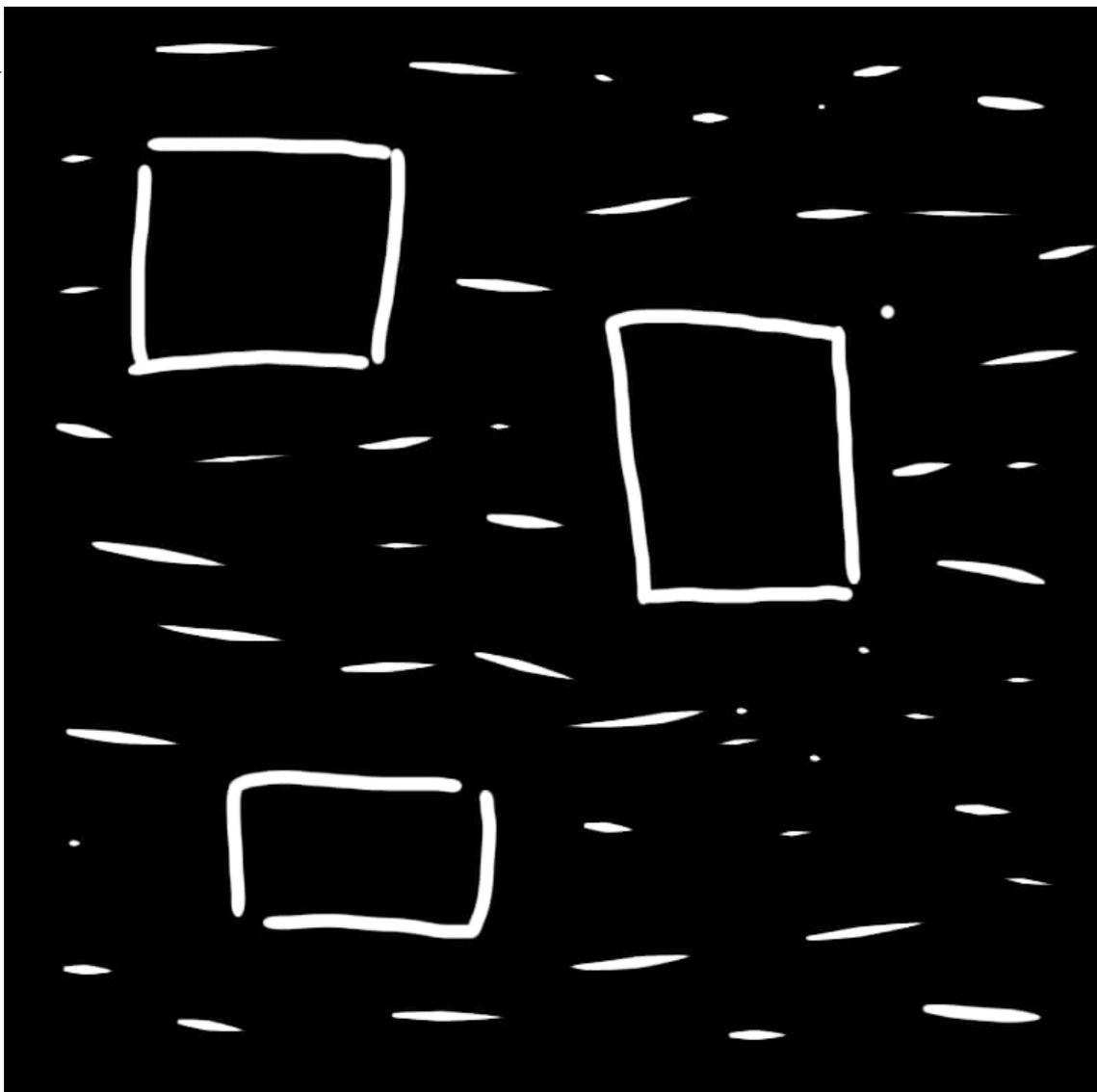


Desenho 3. Meu avô Luis (2020).

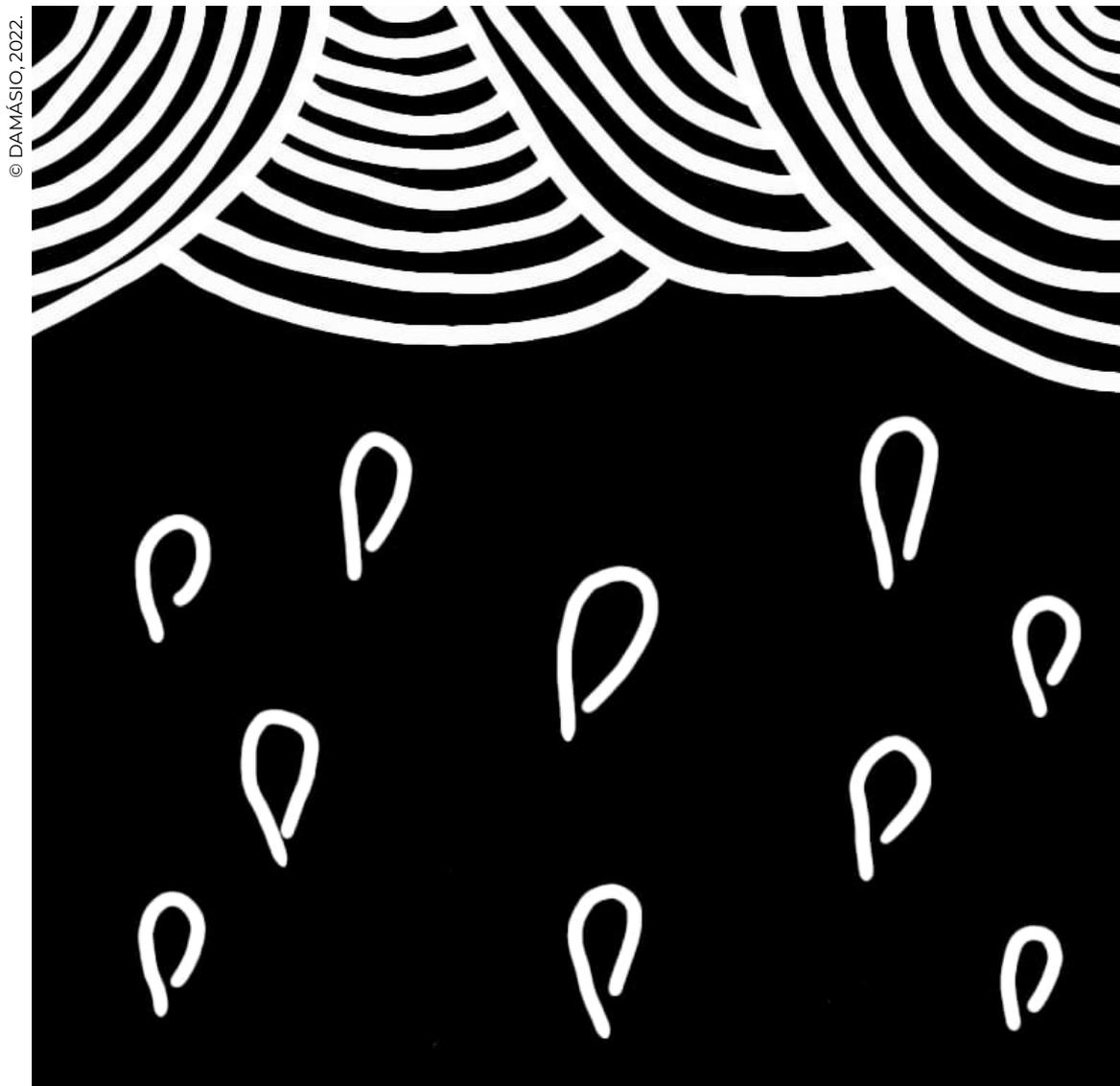


Desenho 6. A noite de Canto do Buriti-PI (2020).

© DAMÁSIO, 2022.



Desenho 7. As casas, as janelas (2020).



© DAMÁSIO, 2022.

Desenho 8. A roça do Tio Carlindo (2020).

© DAMÁSIO, 2022.



Desenho 9. As "véias" "criando" (2020).



© DAMÁSIO, 2022.

Desenho 10. O céu e a “moça” (2020).

© DAMÁSIO, 2022.



Desenho 11. A famílias e seus segredos (2020).

© DAMÁSIO, 2022.

SUBJETIVIDADE
RE-DESENHADA



Desenho 12. Grafias possíveis (2020).